
Ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva no voleibol: um estudo comparativo em jogadores de diferentes categorias

*Vinícius Jordão Silva,
Leandro Rafael Leite,
Priscila Lopes Cardozo,
Ricardo Drews*

Resumo

O presente estudo investigou os níveis e a relação da autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade em jogadores de voleibol de diferentes categorias ao longo de jogos de uma competição esportiva. Participaram 24 atletas (homens) da categoria sub-17 e categoria sub-21, com média de treinamento na modalidade de $2 \pm 0,1$ anos e $6 \pm 0,2$ anos, respectivamente. Os questionários de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade foram aplicados previamente as partidas de uma etapa de um campeonato a nível estadual no Brasil. As respostas das duas equipes ao longo dos jogos foram analisadas por meio da análise de variância *two-way*, com medidas repetidas no último fator. Além disso, foi utilizada a correlação de Pearson para verificar relação entre as variáveis. Os resultados revelaram um aumento na autoeficácia após o primeiro jogo, sendo que a equipe sub-17 revelou maior autoeficácia em comparação a equipe sub-21. Na mesma direção, as equipes apresentaram mudança nos níveis da ansiedade somática e das subescalas da eficácia coletiva preparação, habilidade e persistência. Correlações significativas entre as três variáveis foram verificadas nos jogos das duas equipes. Os resultados permitem concluir que a ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva se relacionam e modificam-se ao longo de jogos de voleibol em atletas de diferentes categorias..

Palavras-chave: Esporte, Psicologia do esporte, Alto rendimento, Desenvolvimento humano, Idades.

Anxiety, self-efficacy and collective efficacy in Volleyball: a comparative study on players of different categories

Vinícius Jordão Silva, Leandro Rafael Leite, Priscila Lopes Cardozo, Ricardo Drews

Abstract

The present study investigated the levels and the relationship of self-efficacy, collective efficacy and anxiety in volleyball players of different categories during matches of a sports competition. Twenty-four athletes (men) from the under-17 and under-21 categories participated, with an average of 2 ± 0.1 years and 6 ± 0.2 years of training, respectively. The self-efficacy, collective efficacy and anxiety questionnaires were previously applied to the matches of a stage of a championship at the state level in Brazil. The responses of the two teams throughout the matches were analyzed using two-way analysis of variance, with repeated measures on the last factor. In addition, Pearson's correlation was used to verify the relationship between variables. The results revealed an increase in self-efficacy after the first match, with the under-17 team showing greater self-efficacy compared to under-21. In the same direction, the teams showed a change in the levels of somatic anxiety and the subscales of collective effectiveness, preparation, skill and persistence. Significant correlations between the three variables were found in the matches of the two teams. We conclude that anxiety, self-efficacy and collective efficacy are related and modified during volleyball matches in athletes of different categories.

Keywords: Sport, Sport psychology, High performance, Human development, Age.

Ansiedad, autoeficacia y efectividad colectiva en el voleibol: un estudio comparativo en jugadores de diferentes categorías

Vinícius Jordão Silva, Leandro Rafael Leite, Priscila Lopes Cardozo, Ricardo Drews

Resumen

El presente estudio investigó los niveles y la relación de autoeficacia, eficacia colectiva y ansiedad en jugadores de voleibol de diferentes categorías durante los juegos de una competición deportiva. Participaron 24 atletas (hombres) de las categorías menores de 17 y menores de 21 años, con un promedio de 2 ± 0.1 años y 6 ± 0.2 años de entrenamiento, respectivamente. Los cuestionarios de autoeficacia, eficacia colectiva y ansiedad se aplicaron previamente a los partidos de una etapa de un campeonato a nivel estatal en Brasil. Las respuestas de los dos equipos a lo largo de los juegos se analizaron mediante análisis de varianza de dos vías, con medidas repetidas sobre el último factor. Además, se utilizó la correlación de Pearson para verificar la relación entre las variables. Los resultados revelaron un aumento en la autoeficacia después del primer juego, con el equipo de menores de 17 años mostrando una mayor autoeficacia en comparación con los menores de 21 años. En la misma dirección, los equipos mostraron cambios en los niveles de ansiedad somática y las subescalas de efectividad colectiva, preparación, habilidad y persistencia. Se encontraron correlaciones significativas entre las tres variables en los juegos de los dos equipos. Los resultados nos permiten concluir que la ansiedad, la autoeficacia y la eficacia colectiva están relacionadas y modificadas durante los juegos de voleibol en atletas de diferentes categorías.

Palabras-clave: Deporte, Psicología del deporte, Alto rendimiento, Desarrollo humano, Años.

Introdução

Ao longo das últimas décadas, o voleibol tem ocupado um lugar de destaque entre os esportes de rendimento no Brasil (Maroni, Mendes, & Bastos, 2010). Considerado um esporte coletivo caracterizado pela imprevisibilidade (Costa et al., 2016) e dependente de ações motoras rápidas e precisas em um pequeno espaço de tempo (Lopes, Magalhães, Diniz, Moreira, & Albuquerque, 2016), o seu desempenho é apontado como um fenômeno multifatorial (Bangsbo, 2015). Uma série de estudos dentro desse contexto tem indicado que as variações no rendimento durante as partidas são, muitas vezes, decorrentes de flutuações cognitivas, o que não está associado apenas à mudança no nível de habilidade motora do jogador, na sua capacidade fisiológica ou na mecânica do movimento, mas sim em seu controle mental (e.g., Claver, Jiménez, Gil Arias, Moreno, & Arroyo, 2017; Mosqueda, López-Walle, Gutiérrez-García, García-Verazaluce, & Tristán, 2019; Van Puyenbroeck, Stouten, & Vande Broek, 2018). Ou seja, aspectos psicológicos têm sido associados ao desempenho dos atletas.

A autoeficácia é uma das variáveis decorrentes de flutuações cognitivas (Moritz, Feltz, Fahrbach, & Mack, 2000; Wright, O'Halloran, & Stukas, 2016), sendo definida como os julgamentos que as pessoas fazem de sua capacidade ou de sua habilidade para organizar e executar os cursos de ação necessários para alcançar determinados tipos de desempenhos ou comportamentos (Pajares & Olaz, 2008). Especificamente no voleibol, a autoeficácia pode estar relacionada a confiança do jogador em manter o foco totalmente nas situações de jogo (por exemplo, recepção, bloqueio), ficando menos apreensivo em relação ao resultado ou à avaliação dos outros (Blecharz, Luszczynska, Tenenbaum, Scholz, & Cieslak, 2014). Estudos analisando essa variável no voleibol tem apontado seus efeitos no comportamento e no desempenho esportivo dos atletas (e.g., Lox, 1992; Gomes, Miranda, Bara Filho, & Brandão, 2012; Shoenfelt & Griffith, 2008).

Dentre os componentes que podem interferir na autoeficácia, uma variável é o estado de ansiedade do atleta (Craft, Magyar, Becker, & Feltz, 2003). Estudos têm buscado esclarecer a complexidade da ansiedade no contexto esportivo (e.g. Castro-Sánchez, Zurita-Ortega, Chacón-Cuberos, López-Gutiérrez, & Zafra-Santos, 2018; Pluhar, McCracken, Griffith, Christino, Sugimoto, & Meehan, 2019), visto que em alguns casos a ansiedade tem sido indicada como facilitadora do desempenho, enquanto em outros é considerada como debilitante para o rendimento (e.g., Alder, Ford, Causer, & Williams, 2016; Englert & Bertrams, 2012; Lundqvist, Kentta & Raglin, 2011). Bandura (1982) aponta que a autoeficácia atuaria como regulador cognitivo da mudança da ansiedade, pois, ao desenvolver forte percepção de autoeficácia para controlar pensamentos, os atletas conseguem ficar menos sobrecarregados pelos pensamentos negativos e sentem menor nível de ansiedade. No voleibol, por sua vez, os estudos têm analisado essas variáveis separadamente (e.g., Ferreira, Leite, & Nascimento, 2010; Lox, 1992; Machado, Paes, Alquiére, Osiecki, Lirani, & Stefanello, 2016; Nogueira, Bara Filho, & Lourenço, 2019), o que limita verificar a possível relação entre elas.

Um aspecto que chama atenção ao considerar o efeito dessas variáveis especificamente no voleibol é que esse esporte, diferentemente de outros esportes coletivos como handebol (Reigal, Vázquez-Diz, Morillo-Baro, Hernández-Mendo, & Morales-Sánchez, 2020), futebol (Slimani, Bragazzi, Tod, et al., 2016) e basquetebol (Stonecypher, Blom, Johnson, Bolin & Hilliard,

2019), tem como característica a impossibilidade de construir jogadas individualmente, uma vez que não é permitido o atleta realizar a execução de dois fundamentos consecutivos (com exceção do bloqueio) (FIVB, 2016). Essa característica ressalta a importância da visão coletiva do atleta em relação a equipe, visto que a construção das jogadas demanda a interação direta ou indireta dos companheiros de equipe e o sucesso ou insucesso dessas ações são compartilhadas entre si.

Tais características se aproximam de uma medida motivacional que tem sido analisada em alguns esportes nas últimas décadas denominada eficácia coletiva (por exemplo, Shearer, 2015; Short, Smiley, & Ross-Stewart, 2005; Zumeta, Oriol, Telletxea, Amutio, & Basabe, 2016). Essa medida refere-se a visão do indivíduo quanto ao seu grupo no que se refere a capacidades conjuntas para organizar e executar as ações necessárias para o alcance de determinado objetivo, seja este proposto por seus membros ou imposto ao grupo (Bandura, 1997).

As evidências investigando eficácia coletiva no voleibol têm ressaltado sua importância no comportamento dos atletas em compartilhar crenças coletivas, acreditando que o objetivo em comum da equipe pode ser alcançado (Blecharz, Luszczynska, Tenenbaum, Scholz, & Cieslak, 2014; Fransen et al., 2012). Esse conjunto de características, por sua vez, gera o questionamento se a eficácia coletiva poderia se relacionar com ansiedade atuando com um regulador cognitivo da sua mudança, em vista das características do jogo do voleibol e a interação entre os atletas. Dessa maneira, o aumento/diminuição da eficácia coletiva estaria relacionado com a ansiedade de maneira similar ao indicado para autoeficácia. Na mesma direção, a eficácia coletiva poderia estar relacionada a autoeficácia, considerando a visão individual e coletiva do jogador. No entanto, parece que essa possível correlação permanece inexplorada, visto que ainda não existem evidências empíricas que confirmem a relação entre tais variáveis no voleibol.

Outro fator que parece estar associado com a mudança dessas variáveis no voleibol é a fase de desenvolvimento humano dos atletas. Estudos com voleibol, em sua maioria, têm investigado essas variáveis em adultos (e.g., Blecharz et al., 2014; Ferreira et al., 2010; Gomes et al., 2012; Nogueira et al., 2019) e adolescentes (e.g., Ferreira, Vieira, Cheuczuk, Vissoci, Nascimento Junior, & Vieira, 2015; Machado et al. 2016; Milavic, Jurko, & Grgantov, 2013; Vieira et al., 2015). No desenvolvimento humano (por exemplo, Papalia & Feldman, 2013; Gallahue & Ozmun, 2005) a população de adultos indica ser a fase em que o ser humano se encontra em um processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo-social e motor avançado. Diferentemente dos adolescentes, fase importante na formação de atletas de voleibol, em que entre 12 e 18 anos ocorrem mudanças que vão desde o desenvolvimento físico particularmente advindo do aumento da produção de hormônios, bem como modificações psicológicas por meio das manifestações da adaptação emocional tais como a ansiedade (Cratty, 1984; Papalia & Feldman, 2013). Por exemplo, alguns estudos têm mostrado níveis de ansiedade mais altos em adolescentes do que em adultos atletas praticantes de modalidades esportivas (Bertuol & Valentini, 2006; Santos & Pereira, 1997). Essas possíveis diferenças levam ao questionamento se a fase de desenvolvimento humano, nesse caso a adolescência e adultos, afetaria também a autoeficácia e eficácia coletiva de atletas de voleibol.

Diante desse contexto, o panorama de estudos atual acerca dos efeitos da ansiedade, autoeficácia, eficácia coletiva no voleibol parece não fornecer respostas sobre como essas variáveis se relacionam e são afetadas em diferentes fases de desenvolvimento dos atletas desse esporte. O objetivo do presente estudo, portanto, foi investigar os níveis e a relação da autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade em jogadores de voleibol de diferentes fases de desenvolvimento humano (categorias). Em virtude das características do jogo, espera-se modificação dos seus níveis ao longo dos jogos com uma maior quantidade de relações da ansiedade e eficácia coletiva, em comparação a ansiedade e autoeficácia. Além disso, uma relação entre a autoeficácia e eficácia coletiva pode ser esperada devido a convergência do pensamento individual e coletivo dos atletas. Ao considerar as características em que se encontram em fase de desenvolvimento e uma maior flutuação de aspectos sócio-afetivos-cognitivos na população mais jovem, espera-se um maior nível das variáveis analisadas da equipe adolescente, em comparação a equipe adulta.

Métodos

Amostra

Foi conduzido um estudo observacional do tipo transversal, concebido de acordo com a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia (CAAE: 01281112.2.0000.5391). Todos os participantes do estudo receberam esclarecimentos sobre a pesquisa e a participação foi condicionada ao preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos participantes e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo Responsável Legal por Menor de 18 Anos para os pais ou responsáveis, que informavam os procedimentos da pesquisa, bem como os direitos do participante em um estudo para fins científicos.

Participaram 24 atletas (homens), sendo 12 integrantes da categoria sub-17 com idade média de $15,8 \pm 0,8$ anos e média de treinamento na modalidade de $2 \pm 0,2$ anos; e 12 integrantes da categoria sub-21, com média de idade $19,8 \pm 0,11$ anos e média de treinamento na modalidade de $6 \pm 0,1$ anos. Ambos os grupos tinham um tempo médio de treinamento de 3 horas semanais com sua respectiva equipe e treinador.

Instrumentos

Foram utilizados três questionários para a coleta de dados. O Competitive State Anxiety Inventory-2 (CSAI-2) (Martens, Vealley, & Burton, 1990), adaptado para língua portuguesa (Fernandes, Vasconcelos-Raposo, & Fernandes, 2012), consiste em 27 questões divididas em 3 subescalas que avaliam ansiedade cognitiva, ansiedade somática e autoconfiança, sendo as respostas em uma escala de 1 ("nada") a 4 ("muito"). O questionário de autoeficácia (Bandura, 2006), adaptado para o voleibol em língua portuguesa (Carmo, 2006), possui 8 questões com respostas expressas em uma escala que varia de 0 ("nada confiante") a 10 ("extremamente confiante") em relação a perspectiva de alcançar o desempenho desejado no próximo jogo a ser realizado. Já o questionário de eficácia coletiva (Short et al., 2005), adaptado

para língua portuguesa (Paes, 2014), é composto por 20 questões divididas em 5 subescalas: habilidade, esforço, persistência, preparação e união. As respostas também foram expressas a partir de uma escala de 0 ("nada confiante") a 10 ("extremamente confiante")

Procedimentos

A coleta de dados referente às variáveis de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade foi realizada antes de três partidas de voleibol de duas equipes, no local da competição. Cada um dos jogos fez parte da primeira fase de um conjunto de três fases de um campeonato a nível Estadual no Brasil, organizado pela Federação Mineira de Voleibol (FMV), do qual as equipes participaram na temporada de 2019. Cada um dos jogos analisados foi realizado em um dia, sendo a etapa realizada por três dias consecutivos.

Os questionários foram preenchidos individualmente, em um espaço reservado, sem interferência de terceiros com, pelo menos, 30 minutos de antecedência aos jogos, por meio da entrega e orientação dos instrumentos pelo pesquisador. O tempo médio para o preenchimento dos questionários foi de 10 a 20 minutos.

Análise de Dados

Para análise descritiva, foram realizadas médias e desvios padrão das respostas dos questionários. Para análise inferencial, inicialmente, foram testados e atendidos os pressupostos de normalidade (teste Shapiro-Wilk) e homogeneidade de variância por meio do teste de Levene. Os desempenhos das duas equipes (Sub-21 x Sub-17) em relação aos questionários de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade foram analisados utilizando a análise de variância (ANOVA) *two-way* (2 Equipes x 3 Jogos) com medidas repetidas no último fator, separadamente para cada medida. Para localizar possíveis diferenças, foi utilizado o teste *Post Hoc* de Bonferroni. Para o cálculo do tamanho do efeito das ANOVAs foi utilizado o *Partial Eta Squared* (η^2).

A relação entre as variáveis analisadas nas três partidas foi realizada através de correlação de Pearson, separadamente para cada jogo. Os valores de correlação foram avaliados conforme proposto por Hopkins (2002), em que <0,10 (trivial), 0,10 a 0,30 (baixa), 0,31 a 0,50 (moderada), 0,51 a 0,70 (alta), 0,71 a 0,90 (muito alta), 0,91 a 0,99 (quase perfeita) e 1 (perfeita). A organização e análise dos dados foram realizadas utilizando o *software* SPSS (versão 20.0) e o nível de significância considerado foi $\alpha = 0,05$.

Resultados

Autoeficácia

A ANOVA revelou efeito no fator Jogos, $F(2, 44) = 3,61$, $p = 0,035$, $\eta^2 = 0,14$, sendo que o Post Hoc detectou que a autoeficácia do primeiro jogo foi inferior ao do terceiro jogo ($p = 0,040$) (Figura 1). Na análise do fator Equipes também foi encontrado efeito significativo, $F(1, 22) = 4,32$, $p = 0,049$, $\eta^2 = 0,16$, sendo a autoeficácia superior da equipe sub-17 em relação à equipe sub-21. Não foi observado efeito de interação Equipes x Jogos, $F(2, 44) = 0,182$, $p = 0,834$, $\eta^2 = 0,04$.

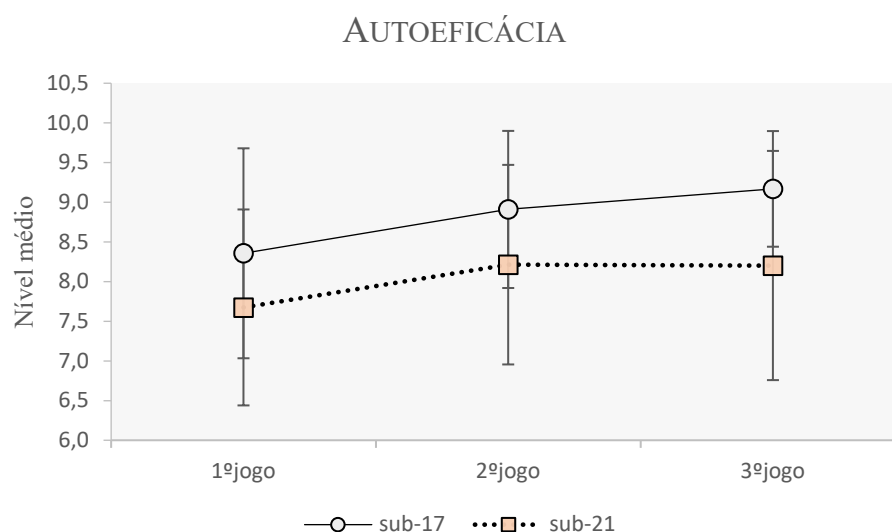


Figura 1. Nível médio e desvio padrão de autoeficácia das equipes Sub-17 e Sub-21 nos três jogos

Eficácia coletiva

Os resultados das subescalas da eficácia coletiva encontram-se na Figura 2. A análise da subescala Habilidade revelou efeito no fator Jogos, $F(1,35, 29,87) = 5,053$, $p = 0,023$, $\eta p^2 = 0,186$, sendo que o *Post Hoc* localizou que o primeiro jogo revelou habilidade percebida inferior ao segundo jogo ($p = 0,040$). Na análise do fator Equipes, por sua vez, não foi encontrada diferença entre as equipes, $F(1, 22) = 24,36$, $p < 0,01$, $\eta p^2 = 0,525$. A interação entre Equipes x Jogos não foi estatisticamente significativa, $F(1,35, 29,87) = 0,938$, $p = 0,399$, $\eta p^2 = 0,041$.

Em relação a subescala União, não foi verificado efeito no fator Jogos, $F(2, 44) = 2,698$, $p = 0,078$, $\eta p^2 = 0,109$, como também no fator Equipes, $F(1, 22) = 1,197$, $p = 0,286$, $\eta p^2 = 0,286$. Nenhum efeito de interação Equipes x Jogos foi detectado, $F(2, 44) = 0,778$, $p = 0,466$, $\eta p^2 = 0,034$.

Na análise da subescala Persistência, a ANOVA revelou efeito no fator Jogos, $F(2, 44) = 9,844$, $p < 0,01$, $\eta p^2 = 0,309$. O *Post Hoc* mostrou menor persistência percebida no primeiro jogo em relação ao segundo ($p = 0,002$) e terceiro jogo ($p = 0,052$). Na análise do fator Equipes, por sua vez, não foi encontrado diferença, $F(1, 22) = 0,337$, $p = 0,568$, $\eta p^2 = 0,015$, como também de interação Equipes x Jogos, $F(2, 44) = 1,197$, $p = 0,312$, $\eta p^2 = 0,052$.

Na subescala Preparação, a ANOVA encontrou efeito no fator Jogos, $F(2, 44) = 4,507$, $p = 0,017$, $\eta p^2 = 0,170$. O *Post Hoc* revelou uma menor preparação no primeiro jogo em relação ao segundo jogo ($p = 0,042$). Na análise do fator Equipes, por sua vez, não foi localizada diferença, $F(1, 22) = 0,063$, $p = 0,804$, $\eta p^2 = 0,003$. Nenhum efeito de interação Equipes x Jogos foi encontrado, $F(2, 44) = 1,323$, $p = 0,277$, $\eta p^2 = 0,057$.

Por fim, a subescala Esforço não revelou efeito no fator Jogos, $F(1,49, 32,85) = 2,265$, $p = 0,116$, $\eta p^2 = 0,093$. Na mesma direção, nenhum efeito

foi localizado no fator Equipes, $F(1, 22) = 1,220$, $p = 0,281$, $\eta p^2 = 0,053$, e na interação Equipes x Jogos, $F(1,49, 38,62) = 1,305$, $p = 0,277$, $\eta p^2 = 0,056$.

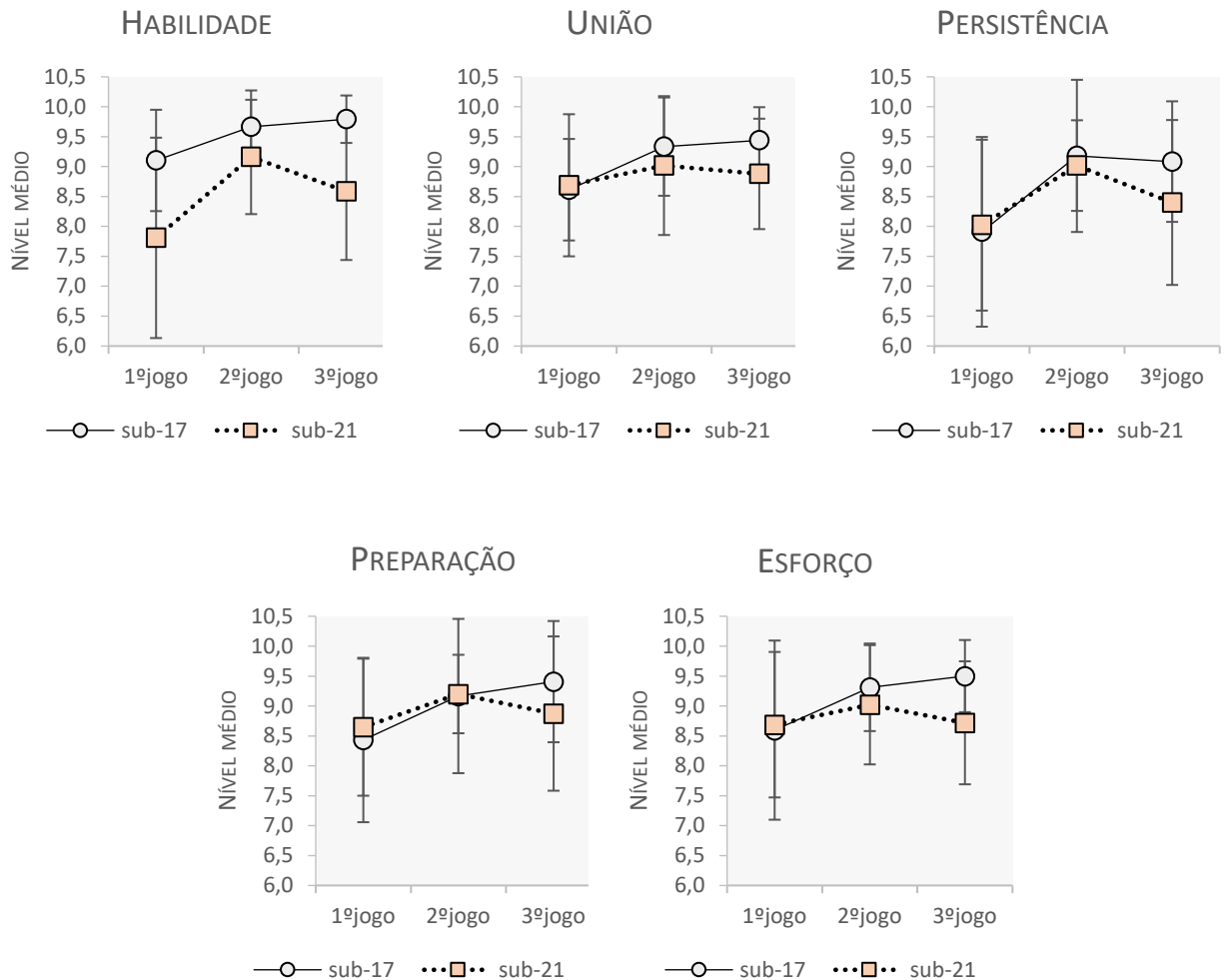


Figura 2. Nível médio e desvio padrão das subescalas de eficácia coletiva das equipes Sub-17 e Sub-21 nos três jogos

Ansiedade

Os resultados das subescalas da ansiedade encontram-se na Figura 3. A ANOVA não revelou efeito da Ansiedade Cognitiva no fator Jogos, $F(1,35, 29,79) = 2,503$, $p = 0,093$, $\eta p^2 = 0,102$ (Figura 3). Nenhum efeito foi encontrado na análise do fator Equipes, $F(1, 22) = 1,129$, $p = 0,299$, $\eta p^2 = 0,049$, e na interação Equipes x Jogos, $F(1,35, 29,79) = 2,010$, $p = 0,163$, $\eta p^2 = 0,084$.

Por outro lado, a subescala Ansiedade Somática revelou efeito no fator Jogos, $F(2, 44) = 11,383$, $p < 0,001$, $\eta p^2 = 0,341$. O *Post Hoc* localizou que a Ansiedade Somática foi superior no 1º jogo, em comparação ao 2º e 3º jogos ($p < 0,01$). Porém, não foram detectados efeitos na análise do fator Equipes,

$F(1, 22) = 0,672$, $p = 0,421$, $\eta p^2 = 0,030$, como na interação Equipes x Jogos, $F(2, 44) = 0,171$, $p < 0,844$, $\eta p^2 = 0,008$.

No que se refere a subescala Autoconfiança, foi não verificado efeito no fator Jogos, $F(2, 44) = 2,343$, $p < 0,108$, $\eta p^2 = 0,096$. Não foram encontrados efeitos também na análise do fator Equipes, $F(1, 22) = 2,334$, $p = 0,141$, $\eta p^2 = 0,096$, na interação Equipes x Jogos, $F(2, 44) = 2,705$, $p < 0,078$, $\eta p^2 = 0,109$.

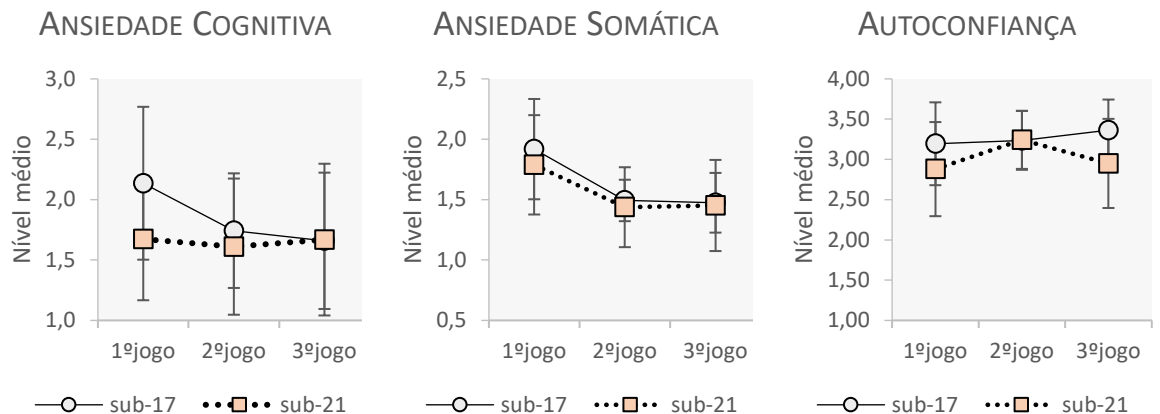


Figura 3. Nível médio e desvio padrão da ansiedade das equipes Sub-17 e Sub-21 nos três jogos

Correlação intragrupos da ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva

A análise intragrupos da correlação entre a autoeficácia, ansiedade e eficácia coletiva das duas equipes nos três jogos revelaram diferentes correlações entre as três variáveis. Conforme pode ser visualizado na Tabela 1, uma maior quantidade de correlações significativas da equipe sub-17 foi encontrada no terceiro jogo, com destaque para relação da autoeficácia e ansiedade cognitiva ($p = 0,001$; $r = -0,86$), e ansiedade cognitiva e esforço ($p = 0,0001$; $r = -0,88$). Além disso, também foi verificada a relação entre a ansiedade somática e a subescala da eficácia coletiva preparação ($p = 0,037$; $r = -0,061$).

Tabela 1. Coeficiente de correlação de Pearson (r) entre os escores de ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva da equipe sub-17 nos três jogos

		1º Jogo		2º Jogo		3º Jogo	
		r	p	r	p	r	p
Autoeficácia	Ansiedade Cognitiva	-0,82**	0,001	-0,44	0,150	-0,86**	0,0001
	Ansiedade Somática	-0,65***	0,023	-0,08	0,810	0,35	0,259
	Autoconfiança	-0,78**	0,003	0,47	0,125	0,67***	0,018
	Habilidade	0,59***	0,042	0,86**	0,000	0,30	0,350
	União	-0,07	0,826	0,48	0,113	0,17	0,604
	Persistência	0,49	0,108	0,90**	0,0001	0,57***	0,053 [#]
	Preparação	0,56	0,059	0,83**	0,001	0,60***	0,038
	Esforço	0,65***	0,022	0,74**	0,006	0,72**	0,008
Ansiedade Cognitiva	Habilidade	-0,35	0,258	-0,33	0,291	-0,56	0,057
	União	0,13	0,679	-0,45	0,146	-0,30	0,344
	Persistência	-0,35	0,265	-0,32	0,312	-0,69***	0,013
	Preparação	-0,43	0,167	-0,28	0,382	-0,80**	0,002
	Esforço	-0,42	0,177	-0,23	0,479	-0,88**	0,0001
Ansiedade somática	Habilidade	-0,38	0,220	-0,10	0,768	-0,47	0,121
	União	0,00	0,990	-0,53	0,740	-0,52	0,081
	Persistência	-0,38	0,221	-0,16	0,619	-0,31	0,324
	Preparação	-0,61***	0,037	-0,73	0,823	0,00	0,991
	Esforço	-0,53	0,079	-0,09	0,775	-0,15	0,643
Autoconfiança	Habilidade	-0,38	0,223	0,64***	0,024	0,54	0,069
	União	0,08	0,796	0,20	0,529	-0,11	0,728
	Persistência	-0,38	0,228	0,57***	0,053 [#]	0,40	0,195
	Preparação	-0,52	0,086	0,16	0,610	0,21	0,512
	Esforço	-0,48	0,115	0,06	0,861	0,58***	0,047

Legenda: * = Correlação quase perfeita; ** = Correlação muito alta; *** = Correlação alta; # = Diferença estatisticamente marginal

Em relação a equipe sub-21, pode ser visualizado na Tabela 2 que uma maior quantidade de correlações significativas foi verificada no segundo jogo, seguida do terceiro e primeiro jogo. Especificamente, no segundo jogo a autoeficácia apresentou relação com a ansiedade somática ($p = 0,028$; $r = -0,63$) e autoconfiança ($p = 0,038$; $r = 0,60$) e todas as subescalas da eficácia coletiva. Na mesma direção, a ansiedade somática apresentou também correlação significativa com todas as subescalas da eficácia coletiva.

Tabela 2. Coeficiente de correlação de Pearson (r) entre os escores de ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva da equipe sub-21 nos três jogos

		1º Jogo		2º Jogo		3º Jogo	
		r	p	r	p	r	p
Autoeficácia	Ansiedade Cognitiva	0,46	0,129	-0,49	0,104	-0,55	0,065
	Ansiedade Somática	0,49	0,103	-0,63***	0,028	-0,39	0,209
	Autoconfiança	-0,57***	0,052 [#]	0,60***	0,038	0,42	0,173
	Habilidade	0,42	0,172	0,80**	0,002	0,81**	0,002
	União	0,70***	0,012	0,76**	0,004	0,96*	0,0001
	Persistência	0,79**	0,002	0,81**	0,002	0,95*	0,0001
	Preparação	0,68***	0,015	0,81**	0,002	0,41	0,183
	Esforço	0,72**	0,008	0,73**	0,007	0,91*	0,0001
Ansiedade Cognitiva	Habilidade	0,48	0,116	-0,57***	0,055 [#]	-0,28	0,371
	União	0,44	0,158	-0,54	0,072	-0,57***	0,055 [#]
	Persistência	0,41	0,189	0,81**	0,002	-0,66***	0,019
	Preparação	0,43	0,168	0,81*	0,002	-0,03	0,931
	Esforço	0,41	0,190	0,73**	0,007	-0,68***	0,015
Ansiedade somática	Habilidade	0,14	0,660	-0,82**	0,001	-0,10	0,755
	União	0,39	0,207	-0,89**	0,0001	-0,38	0,222
	Persistência	0,28	0,374	-0,59***	0,044	-0,47	0,120
	Preparação	0,19	0,548	-0,74**	0,006	0,06	0,847
	Esforço	0,46	0,134	-0,82**	0,001	-0,32	0,308
Autoconfiança	Habilidade	0,04	0,895	0,62***	0,030	0,14	0,656
	União	-0,14	0,669	0,62***	0,032	0,46	0,130
	Persistência	-0,28	0,381	0,40	0,202	0,50	0,100
	Preparação	-0,01	0,970	0,56	0,060	0,01	0,976
	Esforço	-0,22	0,490	0,55	0,062	0,44	0,151

Legenda: * = Correlação quase perfeita; ** = Correlação muito alta; *** = Correlação alta; # = Diferença estatisticamente marginal

Discussão

O presente estudo objetivou investigar os níveis e a relação de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade em jogadores de voleibol de diferentes categorias ao longo de jogos de uma competição esportiva. Tendo em vista estudos que analisaram variáveis psicológicas no voleibol (e.g., Ferreira et al., 2010; Gomes et al., 2012; Ramzaninezhad, Keshtan, Shahamat, & Kordshooli, 2009), esse parece ser o primeiro a investigar essas três medidas conjuntamente. Os resultados encontrados oferecem suporte parcial para as hipóteses iniciais do estudo.

Ao considerar as características de desenvolvimento humano da população de adolescentes e adultos (Papalia & Feldman, 2013) e do jogo de voleibol (Costa et al., 2016; Lopes et al., 2016), era esperado a alteração dos níveis das variáveis ao longo das partidas com superioridade da equipe adolescente (sub-17). Os resultados mostraram modificações dos níveis de autoeficácia da primeira para a terceira partida, o que pode estar associado aos jogadores apresentarem um grau de convicção na crença de suas habilidades para desempenhar os jogos, a partir da percepção da capacidade de atingir determinados níveis de rendimento (Bandura, 1997). Este comportamento pode estar atrelado a diferentes fatores, tais como a

preparação para os jogos (Rosa, 2003; Silva Matias & Greco, 2009) e características individuais dos atletas (e.g., personalidade) (Brandão & Carchan, 2010; Filho, Ribeiro, & García, 2005). Um atributo apontado em atletas de alto desempenho é a habilidade de lidar com fatores estressores que podem afetar a confiança em suas habilidades durante as competições (Moritz et al., 2000). Os achados sugerem que os jogadores dessas equipes de voleibol conseguiram lidar de forma positiva com os fatores estressores, como as pressões por parte dos adversários, colegas de equipe e torcida, o que influenciou positivamente no aumento da autoeficácia. As limitações na existência de estudos que investigaram a mudança de níveis de autoeficácia ao longo de partidas no voleibol dificultam a comparação e entendimento desses resultados em relação a outras equipes em diferentes contextos.

Os resultados da análise das categorias, por sua vez, confirmaram a hipótese inicial de superioridade do nível da autoeficácia da equipe sub-17 em comparação a equipe sub-21. Alguns autores (e.g., Bandura, 1994; Bandura, Azzi, & Polydoro, 2008) apontam que a autoeficácia pode desenvolver-se e modificar-se por meio de, principalmente, quatro tipos de informações, sejam elas experiências diretas de domínio, experiências vicárias, persuasão social e estados físicos e emocionais. Nenhum desses tópicos foi controlado no presente estudo, sendo que as experiências diretas de domínio, experiências vicárias e estados físicos e emocionais estão associadas a características de cada indivíduo e suas próprias experiências anteriores.

No entanto, a persuasão social é uma influência na mobilização do esforço e na persistência para a realização das tarefas (Bandura, 1977, 1994), que pode partir de fontes externas, tais como o técnico da equipe. Assim, é possível que a influência do técnico da equipe sub-17 no que diz respeito às ações individuais a serem realizadas nas partidas, podem ter elevado a autoeficácia dos atletas em comparação ao técnico da equipe sub-21. O papel do técnico é de grande impacto na formação dos atletas (Milistetd, Mesquita, Nascimento, & Sousa, 2010) e as crenças pessoais na própria competência dos atletas podem ser induzidas externamente e promover estados emocionais positivos que geram uma expectativa de melhora, com consequências diretas ou indiretas nos seus comportamentos (Ferreira, 2008). Vale ressaltar que futuros estudos são necessários para verificar a possível relação da persuasão social dos treinadores na autoeficácia de jogadores de voleibol.

A hipótese explicativa da influência do técnico no comportamento individual dos atletas pode ser disposta também para o aumento da eficácia coletiva, verificado da primeira para a segunda partida nas subescalas habilidade, persistência e preparação. Especificamente, feedbacks aumentando a experiência de sucesso através de informações positivas (Chiviacowsky, 2020; Chiviacowsky & Drews, 2016), após desempenhos bem sucedidos (Chiviacowsky & Wulf, 2007) e enfatizando a maleabilidade relacionada ao desempenho (Chiviacowsky & Drews, 2014) fornecidos durante e após o primeiro jogo podem ter impactado positivamente a eficácia coletiva visualizada no segundo jogo (e.g. reforço positivo perante uma tarefa bem executada, apoio e incentivo diante de uma ação mal sucedida).

Esse raciocínio é corroborado a partir dos resultados de correlação significativa encontradas entre as variáveis autoeficácia e as referidas subescalas da eficácia coletiva na segunda partida das duas equipes. Fransen

et al. (2012), em um estudo de realizado na Bélgica, apontam as intervenções do treinador como uma das oito dimensões que influenciam a eficácia coletiva no voleibol. Nesse sentido, a persuasão verbal do treinador afeta o indivíduo a construir e reforçar as crenças a respeito das habilidades individuais e coletivas, que são necessárias na realização das tarefas exigidas para se alcançar uma meta, o que pode ter contribuído para modificar a percepção de um jogo para o outro (Feltz & Lirg, 1996).

No que se refere à ansiedade, os resultados revelaram mudança somente na ansiedade somática ao longo das partidas. A ansiedade enquanto construto geral pode ser influenciado pela percepção do atleta em relação à importância da competição para si mesmo e pela autoavaliação das próprias capacidades de enfrentar os obstáculos que serão encontrados em cada competição (Souza, Rech, Sarabia, Anez, & Reis, 2013). É possível que uma maior ansiedade somática visualizada no primeiro jogo esteja relacionada a uma tensão prévia a estreia na competição (Bueno & Bonifácio, 2007). Contudo, na partida seguinte tal comportamento não se manteve, o que sugere que possíveis mudanças fisiológicas como elevação da pressão arterial, respiração mais rápida e intensa e secura da boca, ocasionadas pelo maior nível de ansiedade somática (Spielberger, 1989), diminuíram após os jogadores estrearem e vivenciarem experiências sócio-afetivas-cognitivas-motoras do primeiro jogo (Wulf & Lewthwaite, 2010).

Em linhas gerais, diferentes causas são associadas ao surgimento da ansiedade antes de competições, mas, na maioria dos casos, elas são direcionadas a incerteza e a significância do resultado para os indivíduos (Martens et al., 1990). Vale ressaltar que não foi verificada diferença na ansiedade entre as duas categorias analisadas, o que não corrobora o indicativo de que atletas mais jovens e, provavelmente, com menos experiência no esporte de competição, apresentariam maior ansiedade no contexto esportivo (e.g., Detanico & Santos, 2005). Cabe considerar que, apesar de uma quantidade diferente, a similaridade das equipes pode ser explicada em virtude de ambas as equipes já apresentarem experiências competitivas prévias, o que lhes possibilitaram lidar com a ansiedade (Silva & Costa, 2005). No entanto, futuros estudos investigando experiências anteriores dos atletas dentro e fora do esporte são necessários para verificar essa possível associação.

A segunda hipótese do estudo refere-se à relação entre as variáveis, sendo que era esperado a correlação entre ansiedade e eficácia coletiva. Isso foi confirmado, em vista que diferentes correlações significativas entre estas variáveis foram verificadas nos três jogos da equipe sub-17 e no segundo e terceiro jogos da equipe sub-21. Porém, considerando as características e regras do jogo de voleibol que induzem uma maior coletividade entre os atletas (Costa et al., 2016; Lopes et al., 2016), era esperado uma menor frequência de correlações entre autoeficácia e ansiedade, o que foi refutado pela maior quantidade de correlações significativas encontradas entre essas duas variáveis nos três jogos das equipes.

Dessa forma, a ansiedade se apresentou mais relacionada à autoeficácia, corroborando a premissa teórica de que a autoeficácia atuaria como regulador cognitivo da mudança da ansiedade, em vista que uma alta autoeficácia percebida tem impacto no controle de pensamentos negativos

(e.g., falhas durante o jogo), com consequências em um menor/maior nível de ansiedade (Bandura, 1982). No entanto, não deve ser desconsiderado que os resultados encontrados apontam que a eficácia coletiva também está relacionada à ansiedade.

Alguns estudos têm sugerido que a preparação e esforço estão positivamente ligados a crenças de eficácia, sendo que uma maior preparação e esforço, leva a uma maior autoeficácia e menor ansiedade (Burton & Raedeke, 2008; Greenlees, Graydon, & Maynard, 1999). Isto porque a persistência pode ser refletida pela confiança, tendo em vista que o sucesso da equipe geralmente requer um compromisso de longo prazo, sendo que as equipes mais confiantes mostrarão maior persistência (Goddard, Hoy, & Hoy, 2004). Neste sentido, os achados do presente estudo corroboram com a literatura sugerindo que os atletas apresentaram menor autoeficácia, persistência e preparação no primeiro jogo, enquanto a ansiedade somática foi maior no primeiro jogo. À medida que aumentavam as expectativas de sucesso eram confirmadas ao longo dos jogos e/ou através dos comentários dos técnicos, os participantes sentiam-se mais confiantes, mais preparados e persistentes colaborando para que a ansiedade somática fosse diminuindo ao longo do segundo e terceiro jogos, o que pode ser observado através das análises de correlação.

Esse raciocínio converge com outros estudos que apontam que atletas bem-sucedidos em competições possuem melhor percepção das habilidades, persistência, união e preparação da equipe frente aos obstáculos a serem superados em detrimento a atletas com desempenhos mais baixos (e.g., Bandura, Azzi, & Polydoro, 2008; Damato, Heard, Grove, & Eklund, 2011). Isto ressalta a importância de conhecer as relações entre estas variáveis, a fim de facilitar as intervenções dos treinadores, que devem enfatizar a regulação e o desenvolvimento das emoções positivas dos atletas (Fernandes, Nunes, Vasconcelos-Raposo, & Fernandes, 2013).

Por fim, é necessário destacar que o presente trabalho, como a maioria das investigações, não está isento de limitações. Uma delas é o número total de questionários aplicados de uma vez aos jogadores, o que pode ter afetado a atenção dos participantes na realização da tarefa. Outra limitação foi a não utilização de perguntas abertas que poderiam ter contribuído para um melhor entendimento da relação dos jogadores com o treinador e suas possíveis consequências motivacionais.

Considerações finais

Os resultados permitem concluir que os níveis de autoeficácia, eficácia coletiva e ansiedade dos atletas de diferentes idades se modificaram ao longo dos jogos de voleibol, com destaque para a equipe sub-17. Além disso, uma relação entre ansiedade e eficácia coletiva foi verificada, porém em maior frequência entre a ansiedade e autoeficácia. Considerando o escasso número de estudos analisando essas três variáveis no voleibol, são necessárias mais investigações comparando os diferentes níveis de categorias de base, sexo e relacionando, principalmente, com o desempenho nos jogos.

No que se refere as aplicações práticas, pode-se sugerir que a ansiedade, autoeficácia e a eficácia coletiva recebam atenção dos treinadores de voleibol de forma similar a outros aspectos do treinamento, tais como a preparação física, técnica e tática. A interação desses fatores pode ocasionar um melhor desempenho dos atletas individualmente e coletivamente. Para isso, treinadores devem conhecer o nível de ansiedade, autoeficácia e a eficácia coletiva, a fim de observar se estes estão influenciando o rendimento esperado. A utilização de técnicas de preparação mental e instruções e feedbacks positivos como forma de auxiliar o atleta a ter um melhor controle da ansiedade, autoeficácia e eficácia coletiva é um caminho promissor a ser seguido pelos treinadores de voleibol na busca do alto rendimento.

Referências

- Alder, D., Ford, P. R., Causer, J., & Williams, A. M. (2016). The effects of high-and low-anxiety training on the anticipation judgments of elite performers. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 38(1), 93-104. <https://doi.org/10.1123/jsep.2015-0145>
- Bandura, A. (1977). Self-efficacy: toward a unifying theory of behavioral change. *Psychological Review*, 84(2), 191-215. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.84.2.191>
- Bandura, A. (1982). Self-efficacy mechanism in human agency. *American Psychologist*, 37(2), 122-147. <https://doi.org/10.1037/0003-066X.37.2.122>
- Bandura, A. (1994). Self-efficacy. In V. S. Ramachaudran (Ed.), *Encyclopedia of Human Behavior* (Vol. 4, pp. 71-81). San Diego: Academic Press.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The Exercise of Control*. New York: Freeman.
- Bandura, A. (2006b). Guide to the construction of self-efficacy scales. In Pajares, F., Urdan, T. (Eds.), *Self-efficacy beliefs of adolescents* (pp. 307-337). Greenwich, CT: Information Age.
- Bangsbo, J. (2015). Performance in sports - With specific emphasis on the effect of intensified training. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 25(sup 4), 88-99. <https://doi.org/10.1111/sms.12605>
- Bertuol, L., & Valentini, N. C. (2006). Ansiedade competitiva de adolescentes: gênero, maturação, nível de experiência e modalidades esportivas. *Revista da Educação Física/UEM*, 17(1), 65-74.
- Blecharz, J., Luszczynska, A., Tenenbaum, G., Scholz, U., & Cieslak, R. (2014). Self-efficacy moderates but collective efficacy mediates between motivational climate and athletes' well-being. *Applied Psychology: Health and Well-Being*, 6(3), 280-299. <https://doi.org/10.1111/aphw.12028>

Brandão, M. R. F., & Carchan, D. (2010). Comportamento preferido de liderança e sua influência no desempenho dos atletas. *Motricidade*, 6(1), 53-69.

Bueno, J. L. O., & Di Bonifácio, M. A. (2007). Alteraciones de estados de ánimo presentes en atletas de voleibol, evaluados en fases de campeonato. *Psicologia em Estudo*, 12(1), 179-184.

Burton D, Raedeke, T.D. (2008). *Sport psychology for coaches*. Human Kinetics, Champaign.

Castro-Sánchez, M., Zurita-Ortega, F., Chacón-Cuberos, R., López-Gutiérrez, C. J., & Zafra-Santos, E. (2018). Emotional intelligence, motivational climate and levels of anxiety in athletes from different categories of sports: analysis through structural equations. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15(5), 894. <https://doi.org/10.3390/ijerph15050894>

Carmo, A. (2006). *Adaptação e validação de uma escala de autoeficácia para o voleibol*. 96f. (Dissertação de Mestrado) - Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP, Brasil.

Claver Rabaz, F., Jiménez Castuera, R., Gil Arias, A., Moreno Domínguez, A., & Moreno Arroyo, M. P. (2017). The cognitive and motivation intervention program in youth female volleyball players. *Journal of Human Kinetics*, 59/2017, 55-65. <https://doi.org/10.1515/hukin-2017-0147>

Chiviacowsky, S. (2020). The motivational role of feedback in motor learning: evidence, interpretations, and implications. In: M. Bertollo, E. Filho, & P. C. Terry (Eds.). *Advancements in Mental Skills Training*. (London: Routledge), 44-56. <https://doi.org/10.4324/9780429025112>

Chiviacowsky, S., & Drews, R. (2014). Effects of generic versus non-generic feedback on motor learning in children. *PloS one*, 9(2), e88989. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0088989>

Chiviacowsky, S., & Drews, R. (2016). Temporal-comparative feedback affects motor learning. *Journal of Motor Learning and Development*, 4(2), 208-218. <https://doi.org/10.1123/jmld.2015-0034>

Chiviacowsky, S., & Wulf, G. (2007). Feedback after good trials enhances learning. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 78(2), 40-47. <https://doi.org/10.1080/02701367.2007.10599402>

Costa, G. D. T., Ceccato, J. S., Evangelista, B. F. B., Freire, A. B., Oliveira, A. S., Milistetd, M., Rodrigues, H. A., & Ugrinowitsch, H. (2016). Tactic determinants of game practiced by middle attacker in men's volleyball. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 18(3), 371-379. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2016v18n3p371>

Craft, L. L., Magyar, T. M., Becker, B. J., & Feltz, D. L. (2003). The relationship between the Competitive State Anxiety Inventory-2 and sport performance: A meta-analysis. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 25(1), 44-65. <https://doi.org/10.1123/jsep.25.1.44>

Cratty, B. J. (1984). *Psicologia no esporte*. 2 ed. Rio de Janeiro: Prentice-Hall do Brasil.

Englert, C., & Bertrams, A. (2012). Anxiety, ego depletion, and sports performance. *Journal of Sport and Exercise Psychology*, 34(5), 580-599. <https://doi.org/10.1123/jsep.34.5.580>

Damato, G., Heard, P., Grove, J. R., & Eklund, R. C. (2011). Multivariate relationships among efficacy, cohesion, self-talk and motivational climate in elite sport. *Pamukkale Journal of Sport Sciences*, 2(1), 06-26.

Detanico, D., & Santos, S. G. (2005). Variáveis influenciando e sendo influenciadas pela ansiedade traço pré-competitiva: um estudo com judocas. *Lecturas: Educación física y deportes*, 9010.

Dinis, L. G. (2003). *Habilidades psicológicas e ansiedade traço em voleibol: estudo exploratório realizado em atletas femininas de voleibol da primeira divisão* (Dissertação de Licenciatura). Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, Coimbra, PT, Portugal.

Feltz, D. L., & Lirgg, C. D. (1996). Perceived team and player efficacy in hockey. *Journal of Applied Psychology*, 83(4), 557- 564. <https://doi.org/10.1037/0021-9010.83.4.557>.

Fernandes, M. G., Vasconcelos-Raposo, J., & Fernandes, H. M. (2012). Propriedades psicométricas do CSAI-2 em atletas brasileiros. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(4), 679-687. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722012000400007>

Fernandes, M. G., Nunes, S. A. N., Vasconcelos-Raposo, J., & Fernandes, H. M. (2013). Fatores influenciadores da ansiedade competitiva em atletas brasileiros. *Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano*, 15(6), 705-714. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2013v15n6p705>

Ferreira, M. A. C. (2008). *A influência da auto-eficácia e da ansiedade em jogadores de futebol*. (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Ferreira, J. D. S., Leite, L. P. R., & Nascimento, C. M. C. (2010). Relação entre níveis de ansiedade-traço competitiva e idade de atletas de voleibol e análise destes níveis pré e pós-competição. *Motriz*, 16(4), 853-857. <http://dx.doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p853>

Ferreira, L., Lopes Vieira, J. L., Cheuczuk, F., Nickenig Vissoci, J. R., do Nascimento Junior, J. R., & Fiorese Vieira, L. (2015). Impacto da orientação às metas na percepção da eficácia coletiva no contexto do voleibol juvenil. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 15(2), 51-63.

Filho, M., Ribeiro, L. S., & García, F. G. (2005). Personalidade de atletas brasileiros de alto-rendimento: comparações entre os sexos masculino e feminino e correlação com nível de performance e tempo de treinamento. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 5(1), 31-39.

Fransen, K., Vanbeselaere, N., Exadaktylos, V., Vande Broek, G., De Cuyper, B., Berckmans, D., ... & Boen, F. (2012). "Yes, we can!": Perceptions of collective efficacy sources in volleyball. *Journal of Sports Sciences*, 30(7), 641-649. <https://doi.org/10.1080/02640414.2011.653579>

Gallahue, D. L., Ozmun, J. C., & Goodway, J. D. (2013). *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. AMGH Editora.

Goddard, R. D., Hoy, W. K., Hoy, A. W. (2004). Collective efficacy beliefs: theoretical developments, empirical evidence, and future directions. *Educ Res* 33:3-13. <https://doi.org/10.3102/0013189X033003003>

Gomes, S. S., Miranda, R., Bara Filho, M. G., & Brandão, M. R. F. (2012). Flow in volleyball: relationship with motivation, self-efficacy, perceived ability and goal orientation. *Revista da Educação Física/UEM*, 23(3), 379-387. <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v23i3.17024>

Greenlees, I. A., Graydon, J. K., Maynard, I. W. (1999). The impact of collective efficacy beliefs on effort and persistence in a group task. *Journal of Sports Sciences*, 17, 151-158. <https://doi.org/10.1080/026404199366253>

Hopkins, W. G. (2002). *A Scale of Magnitudes for Effect Statistics*. Available at: <http://www.sportsci.org/resource/stats/effectmag.html>.

Lewthwaite, R., & Wulf, G. (2010). Grand challenge for movement science and sport psychology: embracing the social-cognitive-affective-motor nature of motor behavior. *Frontiers in Psychology*, 1, 42. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2010.00042>

Lopes, M. C., Magalhães, R. T., Diniz, L. B. F., Moreira, J. P. A., & Albuquerque, M. R. (2016). The influence of technical skills on decision making of novice volleyball players. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 18(3), 362-370. <https://doi.org/10.5007/1980-0037.2016v18n3p362>

Lox, C. L. (1992). Perceived threat as a cognitive component of state anxiety and confidence. *Perceptual and Motor Skills*, 75(3_suppl), 1092-1094. <https://doi.org/10.2466/pms.1992.75.3f.1092>

Lundqvist, C., Kenttä, G., & Raglin, J. S. (2011). Directional anxiety responses in elite and sub-elite young athletes: intensity of anxiety symptoms matters. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 21(6), 853-862. <https://doi.org/10.1111/j.1600-0838.2010.01102.x>

Machado, T., Paes, M. J., Alquiére, S. M., Osiecki, A. C. V., Da Silva Lirani, L., & Stefanello, J. M. F. (2016). Ansiedade estado pré-competitiva em atletas de voleibol infanto-juvenis. *Revista Brasileira de Educação Física e*

Esporte, 30(4), 1061-1067. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000401061>

Maroni, F. C., Mendes, D. R., & da Cunha Bastos, F. (2010). Gestão do voleibol no Brasil: o caso das equipes participantes da Superliga 2007-2008. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24(2), 239-248. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000200007>

Martens, R., Vealey, R. S., & Burton, D. (1990). *Competitive anxiety in sport*. Human kinetics.

Milavić, B., Jurko, D., & Grgantov, Z. (2013). Relations of competitive state anxiety and efficacy of young volleyball players. *Collegium antropologicum*, 37(2), 83-92.

Milistetd, M., Mesquita, I., Nascimento, J. V. D., & Sousa Sobrinho, A. E. P. D. (2010). Concepções de treinadores "experts" Brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 24(1), 79-93. <https://doi.org/10.1590/S1807-55092010000100008>

Moritz, S. E., Feltz, D. L., Fahrbach, K. R., & Mack, D. E. (2000). The relation of self-efficacy measures to sport performance: A meta-analytic review. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 71(3), 280-294. <https://doi.org/10.1080/02701367.2000.10608908>

Mosqueda, S., López-Walle, J. M., Gutiérrez-García, P., García-Verazaluce, J., & Tristán, J. (2019). Autonomous motivation as a mediator between an empowering climate and enjoyment in male volleyball players. *Sports*, 7(6), 153.

Nogueira, F. C. D. A., Bara Filho, M. G., & Lourenço, L. M. (2019). Application of izof model for anxiety and self-efficacy in volleyball athletes: a case study. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, 25(4), 338-343. <http://dx.doi.org/10.1590/1517-869220192504211038>

Paes, M. J. (2014). *Validação do collective efficacy questionnaire for sports (CEQS) para atletas brasileiros*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

Pajares, F. & Olaz, F (2008). Teoria social cognitiva e auto-eficácia: uma visão geral. In: A. Bandura, R. G. Azzi, & S. Polydoro (Orgs.), *Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos*. (97-114). Porto Alegre: Artmed.

Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano*. Artmed Editora.

Pluhar, E., McCracken, C., Griffith, K. L., Christino, M. A., Sugimoto, D., & Meehan III, W. P. (2019). Team sport athletes may be less likely to suffer anxiety or depression than individual sport athletes. *Journal of Sports Science & Medicine*, 18(3), 490-496.

Ramzaninezhad, R., Keshtan, M. H., Shahamat, M. D., & Kordshooli, S. S. (2009). The relationship between collective efficacy, group cohesion and team performance in professional volleyball teams. *Brazilian Journal of Biomotricity*, 3(1), 31-39.

Reigal, R. E., Vázquez-Diz, J. A., Morillo-Baro, J. P., Hernández-Mendo, A., & Morales-Sánchez, V. (2020). Psychological profile, competitive anxiety, moods and self-efficacy in beach handball players. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(1), 241. <https://doi.org/10.3390/ijerph17010241>

Rosa, G. (2003). *A intervenção do Treinador de Voleibol na Reunião de Preparação da Equipa para a Competição – Estudo Comparativo de Treinadores de Equipas Séniores Masculinas e Femininas da Divisão A1*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física, Universidade do Porto, Porto, PT, Portugal.

Santos, S. G., & Pereira, S. A. (1997). Perfil do nível de ansiedade-traço pré-competitiva de atletas de esportes coletivos e individuais do Estado do Paraná. *Movimento* (ESEFID/UFRGS), 4(6), 3-13. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2238>

Shearer, D. A. (2015). Collective efficacy at the Rugby World Cup 2015–The role of imagery and observation. *European Journal of Sport Science*, 15(6), 530-535. <https://doi.org/10.1080/17461391.2015.1034787>

Shoenfelt, E. L., & Griffith, A. U. (2008). Evaluation of a mental skills program for serving for an intercollegiate volleyball team. *Perceptual and Motor Skills*, 107(1), 293-306. <https://doi.org/10.2466/pms.107.1.293-306>

Short, S. E., Smiley, M., & Ross-Stewart, L. (2005). The relationship between efficacy beliefs and imagery use in coaches. *The Sport Psychologist*, 19(4), 380-394. <https://doi.org/10.1123/tsp.19.4.380>

Short, S.E., Sullivan, P., & Feltz, D.L. (2005). Development and Preliminary Validation of the Collective Efficacy Questionnaire for Sports. *Measurement in Physical Education and Exercise Science*, 9(3), 181-202. https://doi.org/10.1207/s15327841mpee0903_3

Silva, M. D. G., & Costa, M. E. (2005). Desenvolvimento psicossocial e ansiedades nos jovens. *Análise psicológica*, 23(2), 111-127.

Silva Matias, C. J. A., & Greco, P. J. (2009). Análise de jogo nos jogos esportivos coletivos: a exemplo do voleibol. *Pensar a Prática*, 12(3). <https://doi.org/10.5216/rpp.v12i3.6726>

Slimani, M., Bragazzi, N. L., Tod, D., Dellal, A., Hue, O., Cheour, F., ... & Chamari, K. (2016). Do cognitive training strategies improve motor and positive psychological skills development in soccer players? Insights from a systematic review. *Journal of Sports Sciences*, 34(24), 2338-2349. <https://doi.org/10.1080/02640414.2016.1254809>

Souza, C. A., Rech, C. R., Sarabia, T. T., Añez, C. R. R., & Reis, R. S. (2013). Autoeficácia e atividade física em adolescentes de Curitiba, Paraná,

Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(10), 2039-2048.
<https://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00127312>.

Spielberger, C. D. (1989). Stress and anxiety in sports. In: D. Hackfort, & C. D. Spielberger (Orgs.), *Anxiety in Sports: an International Perspective* (pp.3-17). New York: Hemisphere Publishing Corporation.

Stonecypher, J. M., Blom, L. C., Johnson, J. E., Bolin, J. H., & Hilliard, R. C. (2019). Interdependent tripartite efficacy perceptions and individual performance: Case study of a boys' basketball team. *Psychological Reports*, 122(2), 645-669. <https://doi.org/10.1177/0033294118761045>

Van Puyenbroeck, S., Stouten, J., & Vande Broek, G. (2018). Coaching is teamwork! the role of need-supportive coaching and the motivational climate in stimulating proactivity in volleyball teams. *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, 28(1), 319-328. <https://doi.org/10.1111/sms.12895>

Vieira, J. L. L., Ferreira, L., Cheuczuk, F., Flores, P. P., Vissoc, J. R. N., Rocha, F. F. D., ... & Vieira, L. F. (2015). Impact of coach-athlete relationship on the collective efficacy of young volleyball players. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 17(6), 650-660. <http://dx.doi.org/10.5007/1980-0037.2015v17n6p650>

Vieira, L. F., Teixeira, C. L., Vieira, J. L. L., & Oliveira Filho, A. (2011). Autoeficácia e nível de ansiedade em atletas jovens do atletismo paranaense. *Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano*, 13(3), 183-188. <http://dx.doi.org/10.5007/1980-0037.2011v13n3p183>

Zumeta, L. N., Oriol, X., Telletxea, S., Amutio, A., & Basabe, N. (2016). Collective efficacy in sports and physical activities: Perceived emotional synchrony and shared flow. *Frontiers in Psychology*, 6, 1960. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2015.01960>

Wright, B. J., O'Halloran, P. D., & Stukas, A. A. (2016). Enhancing self-efficacy and performance: an experimental comparison of psychological techniques. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 87(1), 36-46. <https://doi.org/10.1080/02701367.2015.1093072>.

Sobre o autor

Vinícius Jordão Silva

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Leandro Rafael Leite

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Priscila Lopes Cardozo

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Ricardo Drews

Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Vinícius Jordão Silva

Endereço, Número - Bairro - Cidade – ESTADO – CEP XXXXX-XXX

TELEFONE

(0XX) XXXXX-XXXX

E-MAIL

bobviniciuss@hotmail.com